



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

LITERATURA AFRICANA E LEITORES AFRO-DESCENDENTES:

NOSSA IDENTIDADE IGNORADA

Prof^aDr^a. Zilda de Oliveira Freitas

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

professorazildafreitas@yahoo.com.br

“Pensar a escrita é assumir-se em desassossego.” (PADILHA 1995:1). Assim desassossegada, inicio minhas reflexões sobre a literatura africana e seus leitores afrodescendentes.

Tomemos como exemplo da produção literária africana o poema "A renúncia impossível", escrito por Agostinho Neto, em 1949. São versos que registram o momento histórico de resistência à presença lusitana, em que persistem a consciência da luta pela libertação de Angola e a afirmação da identidade do ser africano:

O meu lugar está marcado
no campo da luta
para conquista da vida perdida.

Eu sou. Existo.
As minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo.
Tenho direito ao meu pedaço de pão

Sou um valor positivo
da Humanidade
e não abdicó,
nunca abdicarei! (Neto:1987, 15)

Para assíduos leitores de obras literárias africanas, é possível reconhecer paridade temática entre os supracitados versos de A. Neto e obras de João Melo, Luandino Vieira ou Manuel Rui. Para leitores incipientes, o apelo é fulgente: ‘reivindico meu direito à liberdade e aos frutos da Mãe África’.

É inegável que a produção literária em Língua Portuguesa dos últimos séculos foi complementada com a inserção em seu *corpus* da literatura oral de origem africana. Esta incorporação não revitalizou a literatura europeia, uma vez que não era lusitana a temática e o fazer poético dos autores. O fato é que décadas depois, o equívoco só evidencia o contraste entre a ideologia portuguesa (ainda colonizadora!) e a pulsante necessidade de expressão da identidade ancestral.



Sem dúvida, não ajudou a definir a voz e a vez da produção africana no cenário cultural. Ao contrário, a inserção dos autores africanos entre europeus em proíficas antologias poéticas intensificou o mistério do que viria a ser a produção escrita do povo africano, tamanha a grandiosidade e a beleza das histórias recontadas ali. Escritas, porque oralmente estas histórias já perpassam gerações, sempre enriquecidas com novos detalhes que melhor delineiam o olhar sobre antigos mitos: identidade e ancestralidade.

Gerados no espaço e no tempo anteriores à África colonial, os mitos prosseguiram por séculos no falar do povo, como exemplifica *O fato completo de Lucas Matesso*, de Luandino Vieira. Na cena final do conto, o chefe dos guardas pergunta pelo bilhete que imaginava ter sido trocado entre os presos e compreende mal o “fato completo”. Reproduzo aqui a cena de encerramento do conto:

É essa comida de feijão de azeite-palma com peixe de azeite-palma, a banana e tudo, que toda a gente nos musseques tem só a mania de chamar de ‘fato completo’. A gargalhada grande como as chuvas de abril engrossando mais os rios cantou na garganta dele, encheu a cela de alegria, fugiu no postigo, pelos arames da rede, entrou maluca nos gabinetes onde os irmãos agüentavam as pancadas e torturas, calou os pássaros no jardim e, com um salto, voou por cima dos muros da prisão, correndo livre pelas areias de todos os musseques da nossa terra de Luanda. (VIEIRA: 1976,138).

Ironia cruel registrada por Luandino Vieira nos seus contos! Lucas jamais sairia vivo daquela prisão, mas sua gargalhada (ao compreender o engano dos guardas) foi libertadora, pois sabia o que era um fato completo, no falar dos bairros de nativos: musseques, sanzalas e favelas.

É preciso dizer que a identidade africana não se firma na presença do europeu, simplesmente. Ela já existia antes mesmo da chegada do europeu. No entanto, o intenso cruzamento destes caminhos culturais ajudou a definir o lugar da produção literária africana no mapa da cultura universal, isso é inegável.

O africano não é um ‘não-europeu’. Ser africano é verdadeiramente reconhecer no confronto entre as duas culturas a sua identidade fortalecida. Neste confronto, as nações ágrafas africanas aprenderam que oralmente a transmissão da cultura e dos mitos fica preservada, longe do entendimento do colonizador que não dominava a língua dos musseques, acreditando na imposição da sua, como língua padrão das colônias. Assim, as riquezas da literatura do povo africano foram ignoradas por séculos, especialmente



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

pelos não-africanos, já que a língua local era quase uma senha entre os nativos da África.

Terminadas as guerras que libertaram os povos, surge na Europa um novo processo colonizador, que é a apropriação e utilização das histórias africanas em pesquisas universitárias de estudiosos que buscavam a ‘diversidade cultural’, o ‘multiculturalismo’, a ‘polivocidade’ e tantos outros termos utilizados no fim do século XX.

Desta maneira, antes mesmo que os próprios africanos estabelecessem um ‘cânone’ de suas obras escritas (ou só faladas), lá estavam os europeus transformando autores africanos em celebridades instantâneas, em Best-sellers. A quem interessa este processo de divulgação e mercantilização da literatura produzida na África? Certamente não interessa ao desenvolvimento acurado do cenário cultural africano, que se fragiliza com estas débeis tentativas de progresso.

Por isso, denuncia Agostinho Neto a apropriação cultural dos seus hinos à liberdade, no poema intitulado *Adeus à hora da largada*, incluso na antologia *Sagrada esperança*:

Minha Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
tu me ensinaste a esperar
como esperaste nas horas difíceis

Mas a vida
matou em mim essa mística esperança

Eu já não espero
sou aquele por quem se espera

Sou eu minha Mãe
a esperança somos nós
os teus filhos
partidos para uma fé que alimenta a vida

Hoje
somos as crianças nuas das sanzalas do mato
os garotos sem escola a jogar a bola de trapos
nos areais ao meio-dia
somos nós mesmos
os contratados a queimar vidas nos cafezais
os homens negros ignorantes
que devem respeitar o homem branco
e temer o rico
somos os teus filhos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

dos bairros de pretos
além aonde não chega a luz elétrica
os homens bêbedos a cair
abandonados ao ritmo dum batuque de morte
teus filhos
com fome
com sede
com vergonha de te chamarmos Mãe
com medo de atravessar as ruas
com medo dos homens
nós mesmos

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemormos
a data da abolição desta escravatura

Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as mães negras
cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida.

“Eu já não espero/sou aquele por quem se espera”, escreve o poeta que seria mais tarde a “sagrada esperança” de seu povo, o intelectual libertário e o primeiro presidente angolano. Os filhos das mães africanas passam a assumir seu papel de sujeito de sua história, rejeitando sua função de colonizado lusitano, em revoltas lendárias populares. Com consciência de sua cidadania e já sem “medo dos homens”.

Os mi-soso (histórias em quimbundo que enfatizam o fantástico e o maravilhoso), os makas (histórias de fundo pedagógico), as malundas e mi-sendu (sigilosas epopéias dos guerreiros africanos), os ji-sabu (provérbios e ditos populares), as mi-embu e ji-nongongo (cantigas e adivinhas), enfim, toda a produção do povo africano foi revisitada e começou a aparecer em muitas publicações, sempre com prefácios de grandes antropólogos e pesquisadores renomados, que destribalizavam a obra, tornando-as universais e compreensíveis aos leitores (e consumidores pagantes) europeus e americanos.

Quanto às nações africanas, lutavam para implantar a democracia em um cenário desolador de uma sociedade dividida por guerras internas e disputas pelo poder, no século XX e ainda em nosso século. O africano superaria também este desafio. Soube manter íntegra a sua cultura, sem desfigurá-la substancialmente. Passaram os escritores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

a entender na educação em língua nacional a saída e começaram a incentivar a alfabetização e o resgate da diversidade cultural dos povos silenciados.

O caldeamento ético e cultural e o diálogo existente no século XXI entre os muitos países de Língua portuguesa e a constante descoberta de novos autores africanos causam entusiasmo ainda hoje. O continente negro se percebe transformado em um mar sem fim, que nos lembra das antigas canções que mencionam o êxodo, como as palavras repetidas nas praias da África: “O corpo que é escravo, vai; o coração que é livre, fica...” (SANTILLI, 1985, 25).

Por força, o corpo é extraído da terra e escravizado. Pela mesma força, a terra é invadida, conquistada e explorada ao máximo. Pela força de uma suposta supremacia intelectual, os mesmos colonizadores se apropriam das histórias populares africanas. Maior do que tudo isso, é a força do africano que resistiu à imposição europeia e ainda hoje resiste.

A literatura africana resulta desta pugnapela valorização da cultura e identidade da Terra Negra, do ser negro, do ser Outro. A construção de um novo conceito de sujeito africano, distante do olhar colonizador, é uma reconceptualização da metáfora da nação africana e não apenas do homem que nela vive. O lugar é o mesmo: África. O olhar deve ser outro.

Deve ser dessemelhante daquele olhar, próprio do colonizador português. Como o africano se percebe enquanto sujeito? Faz-se necessário rejeitar as amarras culturais no processo de construção do novo *eu* africano. E este novo sujeito não deve negligenciar seu passado anterior à presença europeia em terras africanas e nem tampouco a sua luta pela liberdade.

Como estratégias de complementaridade, deve ainda adicionar à sua identidade os novos fatos e perspectivas do universo letrado e midiático emergente, provocando questionamentos em si mesmo, nos afrodescendentes ou não. A história da África e de seus habitantes será bela e rica como seu passado, se construída de forma não-totalizadora ou homogeneizadora.

Com efeito, essa preocupação em perceber o indivíduo na sua singularidade pode ser visto, na verdade, como um mecanismo de resistência e contraposição a qualquer discurso que tente perpetuar e legitimar uma visão unívoca e totalizadora que persiste em manter espaços de exclusão e opressão. (Bezerra: 1999, 55 e 56)



Observemos a questão da identidade feminina: o que é ser mulher, na África? Tanto personagem quanto autora, a mulher africana não se ausenta dos textos, ainda que sejam negligenciadas ou excluídas dos círculos sociais de poder e ação. Para citar uma obra africana de autoria feminina, os *Ritos de Passagem* de Paula Tavares procuram articular a forma como as mulheres percebem o mundo em que vivem, explorando suas reações não só ao modo como estas têm sido tradicionalmente representadas na literatura, mas também aos aspectos do seu cotidiano ligados a uma tradição africana que as tocam mais diretamente (Bezerra: 1985, 49).

Quanto aos textos produzidos no período da luta pela independência, durante todo o período colonial, a imagem da mulher possui inerente afinidade com a representação da terra e do próprio continente africano (Mãe África, por exemplo), numa percepção que nos remete à ancestralidade, à sociedade matriarcal africana. Como exemplificação, citarei apenas um fragmento do capítulo inicial de *Mayombe*, obra de Pepetela:

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da minha mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e este é o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros; o mundo é geralmente maniqueísta. (1982, 6 e 7)

Mestiço, porque colonizado. Violentamente misturadas estão a cor escura da terra do café, da mãe negra e o branco do pai europeu, branco defunto, branco como os africanos representam o morto em suas máscaras. Negro é mãe, é vida. Branco é pai, é morte. A literatura de Pepetela apropria-se da dor do afrodescendente, do inconciliável no cruzado ou mestiço: o talvez. Sua personagem, o *Teoria*, é a representação da África submergida, da terra encharcada do sangue dos dominadores e dos dominados. Generoso, o solo absorve o sangue dos dois.

Para se atingir a essência da produção literária africana em sua plenitude é desnecessário conhecer a história da África. Basta conhecer a história dos homens e sua cupidez, basta admitir como insolúvel a subversão entre o *eu* africano e o Outro, o invasor. Para colaborar com a instauração do autêntico sujeito africano em sua terra



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

natal, a literatura procura espelhar o conflito e as tensões sociais da nova África, diversa e ressurreta depois da longa e dolorosa presença europeia. É a busca pela verdade que motiva o escritor africano e, como afirma Nietzsche, “A verdade são ilusões que nós esquecemos que o são, metáforas que foram usadas e perderam a sua força sensível”. (Andrade: 1998, 17).

É no universo das palavras que a verdade africana se implementa. Não no universo europeu ou negro, mas no inexpugnável universo das palavras, escritas por intelectuais ou faladas pelo povo nas ruas e aldeias. Manoel de Barros acredita que “É preciso arejar as palavras para que elas não morram de clichês.” (Andrade: 1998, 18). Assim, para que se revitalize e se mantenha estimulante ao leitor, afrodescendente ou não, a literatura africana dialoga significados e significantes, procurando re/significar-se, buscando o *ser* africano.

Todos reconhecem que os escritores devem ser bons na arquitetura das suas peças de ficção ou de poesia para que tenham o tal único leitor que justifique a publicação da obra e enriqueça o imaginário mesmo que seja de um só leitor. Acontece que no nosso país, entre as suas carências no domínio do saber, infelizmente, são ainda deficitárias as ciências que tratam os processos de análise das nossas obras. Mais sedimentados estão os Centros de Estudos das Faculdades de Letras do Brasil e Portugal que têm o domínio ensaístico sobre o «corpus» literário angolano, são eles que através de teses de mestrado e doutoramento definem o alcance das nossas rupturas estilísticas, falam das temáticas e tentam explicar com muita dialética, o que se tornara inexplicável até por parte dos autores. Devido ao vazio em causa, muitos escritores querem ser «ensaístas» por via do saber adquirido através de leituras de títulos de consulta obrigatória indicados pelos grandes ensaístas. São designados de simples autodidatas e apesar de alguns reconhecerem as suas limitações, outros não querem ter uma posição conciliatória com a ética já que muitas vezes por deformação e outros males, usam e abusam das adjetivações depreciativas para denegrir os seus confrades, na verdade, seus iguais ou usam ainda esses supostos dotes analíticos para tentarem enaltecer, como figuras ímpares da literatura angolana, os seus melhores amigos. (Vasconcelos: 2008, 21)

Sabemos que o estabelecimento de uma língua nacional, em terras africanas, vem se constituindo em motivo de discórdia e debates recentes. Não apenas em Angola, mas em várias nações colonizadas por Portugal, a negação da língua europeia causa exasperadas discussões, porque deixa umacavidade: qual língua poderia substituir a portuguesa? “Pela língua, somos falados, somos levados além de nós mesmos, embora imaginemos que por sermos falantes somos nós que utilizamos a língua; é ela que nos utiliza. Há um intervalo entre falar e querer dizer.” (Andrade: 1998, 19).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Se o autorafricano é aprisionado pelo desejo de alcançar a liberdade de expressão em sua língua nacional, é correto questionar: que língua é esta? O texto é um pequeno orbe, no qual o sujeito africano exercita sua cidadania e suas possibilidades de ser eu, ser Outro, ser o Outrodo eu. “A evolução dessa perspectiva política faz-se no sentido da luta social de libertação, independentemente da raça: da *negritude* vai-se à *africanidade*; daí à *caboverdianidade*, *angolanidade*, etc.” (Abdala: 1990, 188). Depois da luta pela libertação da terra sob o jugo europeu, agora é o momento de libertar o homem africano de suas fronteiras culturais, diversificando seu olhar, em um profícuo gesto de auto/gênese.

Nesta procura pela compreensão das transformações sociais a partir do conhecimento de si mesmo enquanto sujeito, o escritor africanoadestra o autoconhecimento e o entendimento da sua função na sociedade. Se são tantas e tão complexas as variações literárias na África, é preciso interagir com todas as informações disponíveis, extraindo delas parâmetros que vão embasar o texto enquanto produção artístico-literária. Estes parâmetros devem levar em conta até mesmo os aspectos secundários e atilados, mas que sustentam a vida cultural no continente negro e caracterizam a literatura na contemporaneidade.

A literatura, como qualquer outra manifestação cultural humana, pode ser utilizada para a coesão social, reafirmando ou criticando valores. Por outro lado, a obra literária tem sido utilizada como instrumento de moralização, doutrinação política e ideológica, assim como ferramenta na educação em vários campos do conhecimento, desde o ensino básico até o treinamento de funcionários em empresas.

Seguindo a sistematização de conhecimento sobre sua cultura e tradições, as habilidades literárias do autor são exigidas como crítica a uma sociedade. *Les Misérables*, de Victor Hugo, é um exemplo de obra literária que critica a sociedade francesa do início do século XIX. A obra do pintor espanhol Goya, *Os fuzilamentos de 3 de maio* é outro exemplo disso.

E quanto ao leitor afrodescendente? Sabemos que a interpretação da obra depende do observador. Portanto, inversamente à própria subjetividade, a literatura demonstra sua importância no sentido de facilitar a troca e a discussão de ideias



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

contendoras, ou para prestar um contexto social em que diferentes grupos de pessoas possam reunir e misturar-se.

Se a literatura africana é considerada como arte, podemos classificá-la? As literaturas nacionais são muitas vezes divididas em categorias mais específicas, tais como literaturas decorativas, literaturas plásticas, literaturas do espectáculo, ou literatura nacionalista. Assim, por exemplo, pintura é uma forma de literatura visual, e a poesia é uma forma de produção literária. As mídias (*meios*) para uma obra literária ser contruída são as mais diversas e, por isso, muitos escritores africanos mantêm uma ou várias Home Pages, para divulgar sua obra: um estilo de literatura digital, onde o material usado pode ser completamente diferente do material que se utiliza em um livro.

As estruturas compositivas de uma obra literária africana podem conter ainda muitas outras expressões: arranjo de formas, cores, ritmo, texturas, e linhas são as estruturas que expressam as ideias e as emoções do eu poético, professando a percepção do leitor, afrodescendente ou não. Diante de um poema, como aqueles citados acima, cada leitor terá uma sensação, de acordo com seus sentidos, seus conhecimentos e seu gosto pela obra africana.

A literatura da África é entendida por alguns como um produto de classes sociais africanas mais ricas e alfabetizadas. Esta definição exclui a tradição literária oral e a classe baixa, sob o ponto de vista financeiro. Nesse contexto, a literatura é compreendida como uma atividade de classe superior, associada à riqueza, a capacidade de venda e compra de literatura, o lazer e o prazer ao desfrutar de uma obra. Por exemplo, o Palácio de Versailles ou o Hermitage, em São Petersburgo, com sua vasta coleção literária, acumulada durante séculos pela realeza europeia exemplificam esta visão. Coletar tal literatura e aceitá-la como única possuidora de valor estético é empobrecer o cenário cultural e negligenciar a obra produzida em países não-europeus.

A produção literária vive da memória e da imaginação, constituindo-se expressão do imaginário do artista. Podemos afirmar, assim, que a literatura é a memória individual do artista metamorfoseada pelo seu imaginário e tornada real para o espectador. Por isso, projeta-se para além do econômico e do agora, para além do momento do autor. Literatura é *presente* para o escritor, mas pode referir-se ao passado vivido ou ao futuro imaginado para seu povo africano. Curiosamente, nunca é o presente para o leitor, pois seu presente é a contemplação do texto, escrito outrora.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Escrever é, portanto, agoridade: prazer da imagem ideal no presente, projeção mítica, simbolismos. Ler é desejar a agoridade do escritor africano.

Uma manifestação do desejo do leitor no processo de conhecimento do universo africano, através da literatura, instaura-se no signo estético, na manifestação artística do desejo do seu idealizador. Assim, um texto é um objeto concreto e visível para o leitor, obra/produto do que foi anteriormente imaginado pelo seu autor, antes que o tornasse realidade aos olhos do leitor. Existe a imagem da obra antes mesmo que se torne real aos olhos de todos.

Comentários finais

A elaboração do presente texto me oportunizou um momento de reflexão sobre a literatura e a estética africana, do período colonial à contemporaneidade. Tendo como objeto de estudo a produção literária africana em Língua Portuguesa, procurei responder aos meus próprios questionamentos acerca da identidade africana no universo das palavras, assumindo a literatura como possibilidade de compreensão do processo cultural pós-colonial. Ponderei ainda sobre a viabilidade da utilização da literatura africana enquanto representação do jogo de aparências e negação do eu X Outro, presente na narcísica sociedade africana contemporânea.

A partir das leituras realizadas e das pesquisas desenvolvidas, concluí que o *jogo* supramencionado deve considerar o cenário cultural africano dos últimos dez séculos e não apenas a globalizada sociedade africana atual. O desejo de liberdade existente nas obras literárias citadas acima chega ao século XXI modificado, uma vez que incorporou elementos estéticos e culturais das épocas anteriores a seus contextos histórico-sociais.

Assim, a arte e a realidade não-artística funcionam nas mesmas condições como criadoras de significado e portadoras de significado, num mundo notório por ser simultaneamente afortunado e flagelado pela insuficiência e pelo excesso de significado. (BAUMAN, 1998:135)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O significado da literatura em qualquer época está na sua competência de transmissão às gerações posteriores das emoções e pensamentos, ideias e conceitos, impressões sensoriais e saberes, experimentados pelo autor, seus leitores e seus contemporâneos.

Assim, ao narrar mitos e lendas, o escritor registra a cultura de sua era, de eras anteriores a ele e seus valores sociais. Por isso, a literatura utiliza a imagem e o imaginário para comover o leitor, emocionar e conscientizar o homem africano sobre a efemeridade da vida e da sua luta pela liberdade do seu povo. Constitui-se, assim, em legítima expressão do sujeito, mas também em um importante recurso de preservação das tradições da África, mãe de todos nós.

Referências bibliográficas:

ABDALA Jr, Benjamin & PASCHOALIN, M. Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, Graça. Liame e liberdade nos entrelaços da língua de João Vêncio: Luandino Vieira à luz de Nietzsche. IN: *Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. Univ. Est. de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes. N° 1 Ilhéus: Editus, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-modernidade*. Trad. M. Gama e C. M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BEZERRA, Katia da Costa. Paula Tavares: Uma Voz em Tensão na Poesia Angolana dos anos Oitenta. IN: *Estudos Portugueses e Africanos*. São Paulo/Campinas. N° 33/34. Jan./Dez. 1999.

BEZERRA, Kátia da Costa. *Vozes em dissonância*. Mulheres, memória e nação. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1985.

CASSAMO, Suleiman. *A literatura moçambicana hoje – breve panorama*. IN: *Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*. Univ. Est. de Santa Cruz, Departamento de Letras e Artes. N° 1 Ilhéus: Editus, 1998.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.

NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*. Lisboa: Sá da Costa, 1974.

NETO, Agostinho (org. de Manuel Ferreira), *A renúncia impossível*, Lisboa, IN-CM, 1987.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas: histórias e antologia*. São Paulo: Ática, 1985.

SEABRA, Manuel de. *Poesia africana de hoje*. Lisboa: Futura, 1974.

VASCONCELOS, L. Maria. *África hoje*. Lisboa: Lello e Irmãos, 2008.

VIEIRA, Luandino. “O fato completo de Lucas Matesso”. IN: *Vidas novas*. Lisboa: Ed. 70/UEA, 1976.



» **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina